

Representações Sociais de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica na Cidade de João Pessoa-PB

Social Representation of Women Victims of Domestic Violence in the City of João Pessoa-PB

Representación Social de las Mujeres Víctimas e Violencia Doméstica en Laciudad de João Pessoa-PB

Cristiane Galvão Ribeiro

Maria da Penha de Lima Coutinho

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Este estudo objetiva investigar as conseqüências psicossociais da violência sofrida e apreender as representações sociais que estas elaboram acerca do agressor e da violência. Trata-se de um estudo de campo, o qual utilizou entrevistas semi-estruturadas, analisadas por meio da análise de conteúdo temática. Participaram da pesquisa 16 mulheres que sofreram violência de seus companheiros com idades entre 21 e 53 anos. Os resultados apontaram que a violência física foi a mais referida e as motivações da violência foram álcool e drogas. O agressor foi representado pelas mulheres através de objetivações negativas e afetivas, e estas manifestaram sentimentos prejudiciais a sua saúde mental. As conseqüências da violência atingiram seus aspectos físicos, emocionais e sociais. No que tange as representações acerca do futuro, observaram-se representações ancoradas na resiliência e na falta de perspectivas. Verificou-se que a violência contra a mulher reflete um fenômeno complexo, multifacetado e contraditório.

Palavras Chave: Violência, Mulheres, Representações Sociais.

Abstract

This study aims at both investigating the psychosocial consequences of the violence experienced by these women, and examining the social representations they elaborate on the violence itself and the aggressor. This fieldwork has employed semi-structured interviews, which have been analyzed by means of a thematic content analysis. Sixteen women aged between 21 and 53 who have undergone violence from their partners took part in this research. The results have shown that physical violence was the most frequently mentioned, and that alcohol and drugs were the motivation for it. The aggressor was represented by the women through affective and negative objectification, which demonstrated harmful feelings to their mental health as well as submissive behavior. The consequences of this violence affected their physical, emotional and social aspects. Regarding the representations about the future, representations based on resilience and lack of expectations were observed. To sum up, the study demonstrated that violence against women reflects a complex, multifaceted and contradictory phenomenon.

Keywords: Violence, Gender, Social Representations.

Resumen

Este estudio investiga las consecuencias psicossociales de la violencia experimentada y comprender las representaciones sociales que producen sobre el autor del delito y la violencia. Se trata de un estudio de campo, que era semi-formante, análisis de contenido temático. Participaron en la encuesta de 16 mujeres que sufrieron violencia de sus parejas de entre 21 y 53 años. Los resultados mostraron que la violencia física fue la más reportada y las motivaciones de la violencia fueron el alcohol y las drogas. El autor estuvo representado por mujeres a través de objetivaciones negativos y afectivos, y expresó estos sentimientos perjudiciales para su salud mental. Las consecuencias de la violencia llegó a su físico, emocional y social. En cuanto a las representaciones sobre el futuro, hubo representaciones basadas en la resistencia y la falta de perspectivas. Se encontró que la violencia contra las mujeres refleja un fenómeno tan complejo, multifacético y contradictorio.

Palabras clave: La violencia, las mujeres, las representaciones sociales

Introdução

O fenômeno violência sempre esteve presente em todo o mundo, ocorrendo de várias formas, diferenciando-se conforme a cultura na qual está inserida. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a violência é o uso intencional da força ou poder físico, em forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou um grupo ou comunidade,

que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesões, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações (OMS, 2002). Esta definição remete à abrangência psicossocial do fenômeno, e parafraseando Minayo e Souza (1994), é um fenômeno complexo, polissêmico e controverso, no qual seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade.

Neste sentido, na própria sociedade tem-se observado fatores conjunturais na produção e/ou

agravamento da violência, a saber, a pobreza, a desigualdade social, o desemprego e a ineficiência de algumas instituições básicas, como a família. Deste modo, a violência entrancheira-se nas fendas do tecido social, atingindo as esferas mais privadas, que segundo Araújo e Mattioli (2004), tão eficientemente a acobertam e dissimulam, atingindo principalmente os grupos mais vulneráveis: crianças, adolescentes, mulheres e idosos.

A violência doméstica contra a mulher, caracterizada pelas relações de gênero, é reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1998) como uma questão social e de saúde pública devido aos custos que estas trazem aos cofres públicos e também pelos agravos físicos e emocionais gerados por este conflito. Segundo o Banco Mundial (2006), um em cada cinco dias de falta ao trabalho é causado pela violência sofrida pelas mulheres dentro de suas casas; a cada cinco anos, a mulher perde um ano de vida saudável se ela sofre violência doméstica; na América Latina a violência Doméstica atinge entre 25% a 50% das mulheres e dentre os crimes praticados contra a mulher, em 70% dos casos o agressor é seu marido, companheiro ou namorado.

As conseqüências desta violência se traduzem em uma série de agravos à saúde física, à saúde reprodutiva e à saúde mental das mulheres vítimas e, em muitos casos, conforme citado são fatais. O serviço de saúde frequentemente confronta-se com esta realidade, nos casos em que as mulheres procuram atendimento por problemas de saúde relacionados direta ou indiretamente com a violência. Os profissionais de saúde têm demonstrado sérias dificuldades para identificar a violência de gênero, inclusive em situações onde as mulheres apresentam severos danos à sua saúde. Pois mais da metade das mulheres agredidas sofrem caladas e não pedem ajuda, tornando a violência ainda mais difícil de ser erradicada, configurando-se como um problema crônico e, portanto, danoso à integridade e à saúde das mulheres vítimas e a família como um todo, pois os filhos também são atingidos pela situação.

Diante desta problemática, questiona-se: o que ocorre nos seios destas famílias e relacionamentos amorosos? Que mecanismos levam as mulheres a permanecerem caladas e submissas a esta situação, que tantas vezes até ameaça suas próprias vidas? O que se passa em seus universos sócio-cognitivos capaz de criar estas realidades?

Diante destas questões, este estudo teve como ponto de ancoragem o enfoque teórico das Representações Sociais (Moscovici, 2003). A representação social é um tipo de conhecimento elaborado e partilhado a partir do senso comum por um grupo de pertença, que situa o sujeito no ambiente em que está inserido e é capaz de construir uma realidade prática, fazendo os sujeitos dominarem seu mundo social, atribuindo-

lhe sentido. Segundo Spink (1993) são formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos, mas que não se reduzem jamais aos seus componentes, pois são fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção.

Ainda neste sentido, segundo Nóbrega (2001), a Representação Social se situa sobre as dimensões de atitudes, informações e imagens, é sempre a representação “de algo ou alguém” onde existem dois pólos, a figura e a significação, não pode ser compreendida como processo cognitivo individual, pois é produzida no intercâmbio das relações e comunicações sociais.

Sabe-se que os fenômenos que emergem no contexto social são investidos simbolicamente, e os grupos de pertença na relação com o objeto lhes dão sentido. Deste modo, pretende-se compreender os sentidos atribuídos pelo grupo das mulheres vítimas de violência doméstica à própria situação vivenciada, compreendendo suas linguagens e teorias práticas, para desta forma adentrar neste universo comum, que é o feminino, atrelado ao fenômeno social que é a violência. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo apreender as Representações Sociais de Mulheres vítimas de violência doméstica acerca da violência sofrida e do agressor, bem como conhecer as conseqüências psicossociais deste fenômeno em suas vidas.

Método

Tratou-se de um estudo de campo numa abordagem qualitativa, no qual participaram 16 mulheres vítimas de violência conjugal com idades entre 21 e 53 anos. A maioria possui renda familiar de até 01 salário mínimo e nível de escolaridade entre o analfabetismo e o ensino médio. Todas as 16 mulheres são vítimas de violência doméstica há pelo menos 01 ano, e em 100% dos casos, o agressor foi seus maridos, companheiros e/ou namorados.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e analisadas por meio da análise de conteúdo temática (Bardin, 2010), esta técnica de análise permitiu a apreensão de conteúdos latentes no discursos das respondentes e apontou as representações Sociais do grupo das mulheres estudadas. A coleta de dados se deu na Delegacia Especializada da Mulher 08 de Março e na Coordenadoria de Políticas Públicas para Mulheres Vítimas de Violência na cidade de João Pessoa-PB, e se efetuou no período de maio à agosto de 2010. As entrevistas foram gravadas e transcritas logo após sua execução. Sua aplicação foi realizada individualmente, e em local reservado, obedecendo todos os critérios éticos para pesquisas com seres humanos.

Tabela 1
Análise de Conteúdo com as Mulheres Vítimas de Violência doméstica.

CLASSE TEMÁTICA (f)	CATEGORIAS (f)	SUBCATEGORIAS (f)
A VIOLÊNCIA (107)	TIPOS DE VIOLÊNCIA (86)	Física (66) Psicológica (16) Sexual (04)
	MOTIVAÇÕES DA VIOLÊNCIA (21)	Alcool/drogas (11) Poder (05) Traição/ciúmes (05)
O AGRESSOR (52)	MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DO AGRESSOR (20)	Ameaça (07) Agressão (05) Arrependimento (04) Reincidência (04)
	PERCEPÇÃO DO AGRESSOR (32)	Negativa (21) Afetiva (11)
A MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA (212)	MANIFESTAÇÕES PSICOAFETIVAS DA MULHER (77)	Medo (32) Sofrimento (19) Raiva (12) Indiferença (10) Decepção (04)
	CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA (58)	Danos emocionais (22) Desestrutura familiar (16) Danos físicos (12) Danos sociais (08)
	2 MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DA MULHER (45)	Silêncio (16) Posicionamento (14) Passividade (08) Defesa (07)
	PERSPECTIVAS PARA O FUTURO (RESILIÊNCIA) (32)	Presença de resiliência (19) Ausência de resiliência (13)

Resultados

A seguir será explanado o quadro 1 contendo a análise de conteúdo realizada com as 16 mulheres vítimas de violência conjugal. Este estudo gerou um conhecimento composto por 371 unidades temáticas, distribuídas em 03 classes temáticas, 08 categorias e 27 subcategorias:

A primeira classe temática referiu-se ao fenômeno da violência, na qual emergiram três tipos: a física, a psicológica e a sexual, também nesta classe surgiram as Motivações da Violência, apontando para a presença de álcool e drogas e a necessidade do exercício do poder por parte do agressor, assim como comportamentos de ciúmes e traição que culminam na agressão.

A segunda classe temática aponta características do agressor, que em 100% dos casos foi o marido e/ou companheiro. Entre as categorias emergidas nesta classe, perceberam-se as Manifestações Comportamentais do Agressor, que se exprimem através da agressividade, ameaça, arrependimento e reincidência e a Percepção deste agressor pela vítima, através de representações objetivadas como negativas e afetivas.

No que tange a terceira classe temática, emergem as Representações Sociais das mulheres, através da categoria Manifestações PsicoAfetivas, objetivadas pelo medo, sofrimento, raiva, indiferença e decepção; da categoria Consequências da Violência, demonstrando danos emocionais, desestrutura familiar, danos físicos e danos sociais; da categoria Manifestações Comportamentais, através do silêncio, posicionamento, passividade e defesa e da categoria Perspectivas para o Futuro, apontando a presença e a ausência da resiliência.

Discussões

Com relação à primeira classe temática, no que tange aos tipos de violência, emergiram os três tipos mais referidos na literatura (Garbin et al, 2006), entretanto, a violência física foi a mais evidente, principalmente na frequência do discurso das mulheres, evidenciando suas necessidades de expor a experiência vivida e demonstrando a gravidade do fenômeno, conforme verificado nos recortes abaixo:

Ele me batia muito/ me jogava no chão/ dava chute/ Já apanhei de mangueira/ prato de comida na minha cara/ ele pegou o cinto e bateu tanto que eu fiquei toda roxa/ deu muita paulada em mim/ e

eu desmaiei/ tanta pancada que eu levei na cabeça/ pegou uma faca de mesa e encostou em mim/ Eu passei dois dias internada ainda ai descobriram.

Verificou-se que as violências físicas são extremas. Estes dados corroboram o que afirma Garbin et al (2006), quando postulam que há um mito no que tange ao lar como lugares castos de violência. Toda violência urbana verificada nas grandes cidades adentra os lares, só que de forma velada, silenciada, mas tão ameaçadora quanto a primeira. Estes dados também corroboram os postulados de Minayo e Sousa (1994), pois apontam relações de poder, nas quais o homem dotado física e socialmente de mais poder, usa-o como instrumento de dominação sobre os demais membros da família.

Em seguida, percebeu-se a presença da violência psicológica:

“Fui ameaçada de morte/ e me xingava ele disse “você ta merecendo uma surra/ ele gritava muito/ eu não podia almoçar porque ele jogava o ‘cumê’ no mato/ o que ele quisesse dizer ele dizia na frente de quem ele queria.

E também a violência sexual

“Depois de eu toda machucada ele queria ter relação comigo/ E eu fazia/ Se eu num fizesse eu apanhava/ Se eu num quisesse ele dizia que eu tinha outro homem”.

Percebe-se que qualquer tipo de violência traz grande sofrimento à mulher, e segundo Okada (2007), a violência doméstica segue uma evolução progressiva, iniciando pela violência psicológica, seguindo da física e culminando com a violência sexual. Segundo Garbi Manso (2010), em muitos casos chega-se até a morte da vítima, conforme se verifica na fala a seguir:

Eu espero que todas as mulheres tenham consciência e procure ajuda. Que a violência só leva a morte mermo, né? Tem mulé (sic) que vê (sic) o marido ameaçar: vou te matar, vou te matar e não sai e acaba morrend. Porque aquele que ameaça ele mata, aquele que diz eu vou fazer eu faço.

Este dado é alarmante, e corrobora com Manso (2010) quando afirma que nesta última década, dez mulheres foram assassinadas por dia no Brasil. Elas morrem em número e proporção bem mais baixos do que os homens, mas o nível de assassinato feminino no Brasil fica acima do padrão internacional.

Com relação às motivações da violência, observaram-se principalmente a ingestão de álcool/ drogas pelo agressor, corroborando estudos anteriores (Melo et al, 2005; Azevedo & Guerra, 1995): “quando estava bêbado, fumando, cheio de porcaria, ficava mais violento”.

A necessidade de demonstração de poder e a eminência de traição da companheira, gerando “ciúmes” por parte do companheiro, também foram atribuídas pelas mulheres como motivadoras da violência sofrida. Tais atribuições podem ser percebidas a seguir:

“ele era bem namorado/acho que tinha alguma coisa e ele descontava dentro de casa/ ele tinha ciúme de mim/ porque eu não tinha motivo pra dar a ninguém”.

No que tange a necessidade de exercer poder sobre a companheira, observa-se na fala a seguir relatos de cenas humilhantes:

ele gostava muito de mandar/ de fazer as coisas ‘nas carreira’, tinha que fazer correndo/ ele escondia a cachaça dele e mandava eu procurar/ eu tinha que saber onde ta/ /fazia eu ir contar as casas que tinha na rua/ andava assim uma légua de pés, com os ‘troços’ assim na cabeça/ eu era obrigada a fazer isso.

Esse exercício de poder pelos companheiros revela a violência de gênero, e conforme afirma Minayo (2005): a “mentalidade patriarcal” que alimenta o processo violento, mostrando mais uma vez, a dominação do homem nas relações conjugais. As Representações Sociais elaboradas pelas mulheres sobre o poder masculino são ancoradas na “mentalidade social”, que ainda perduram, parecendo se reestruturarem no período histórico em que foram forjadas, demonstrando a ancoragem social nos períodos mais remotos de nossa história. É neste sentido que se observa o comportamento de poder do homem se ancorando na própria noção de poder.

Com referência a segunda classe temática e no que se refere ao agressor, observaram-se comportamentos ambivalentes, nos quais a violência é objetivada pela ameaça e agressividade, dosadas pelo arrependimento e reincidência, apontando o “ciclo vicioso” da violência de gênero. Observam-se abaixo os discursos:

Se eu denunciasse ele me matava/ Se você contar pra sua família que eu to dando em você eu mato tudinho/ e se um dia você sair daqui, se eu encontrar um dia você no caminho, te mato/ eu só dou uma facada em você/ porque quando acabou ele disse o que ia fazer comigo.

Os discursos desta subcategoria expressam conteúdos ameaçadores, muitas vezes ameaças de morte, gerando medo e submissão. Algumas das motivações que fazem a mulher não denunciar a violência é o medo dessas ameaças se cumprirem. Logo surge no imaginário popular destas mulheres, as RS de um homem violento e assassino, que cumpre as ameaças, tirando a vida de mulheres que não aceitam seu domínio.

Entretanto, apesar destas ameaças verificadas, surge também no discurso das mulheres, o arrependimento de seus companheiros, conforme observa-se nas falas a seguir:

ele tá querendo que eu volte para ele/ Ai ele soltou a faca/ o que foi que fiz, nega, contigo? Fui eu quem fiz isso?/ ele dizia que gostava de mim/ Não, eu gosto de você, eu num to dando muito em você não, é mentira, eu num dou em você não.

Muitas vezes após este arrependimento a mulher

volta na relação, provavelmente na eminência de uma mudança, porém, em pouco tempo, a violência volta a acontecer, conforme verificado a seguir:

“a demora era só eu ficar boa/ com dois ou três dias tinha de novo/ Ele jurava na frente de mamãe / Eu voltava pra casa, com dois ou três dias começava tudo de novo”.

O conteúdo desta subcategoria confirma o ciclo da violência postulado por Okada (2007), não obstante, ainda segundo o autor, a medida que o tempo passa, este ciclo encurta-se cada vez mais, perpetuando a situação violenta. Estes achados apontam a compreensão do fenômeno da violência no contexto familiar contra a mulher, emergindo como um fenômeno crônico e, portanto, cíclico.

Ainda na segunda classe temática, que enfoca os aspectos do agressor, emergem as representações sociais que as mulheres elaboram acerca de seus companheiros violentos. Estes agressores foram representados pelas suas companheiras ancoradas em duas esferas: uma negativa e uma afetiva. Na ancoragem negativa, surgiram representações objetivadas pelo caráter simbólico e/ou místico, nas quais elas referem-se a alguém desprovido de humanidade, fraco e ruim, conforme melhor verificado nas evocações a seguir:

Vejo um monstro (4)/ Pra mim é aquela pessoa num é um ser humano (3)/ uma pessoa ruim (2)/ Vejo um homem fraco (3)/ é um pouco ignorante/ e rebelde/ E ele é muito prostituto/ele é nervoso/ Ele é daquele jeito que ninguém gosta dele (2) hoje eu posso dizer que eu sinto pena dele (2)/ eu não amo esse homem.

Segundo estas Representações Sociais, verifica-se o homem objetivado através da própria personificação da violência; é neste momento, no imaginário destas mulheres, que a violência adquire a materialidade humana. As RS de homens na sociedade geralmente possuem suas ancoragens sociais na violência. Por outro lado, verifica-se também nesta subcategoria que o agressor é objetivado como alguém desprovido de humanidade, ocorrendo nesta construção, o sentido inverso ao animismo de Piaget (1978). Ao invés dos objetos ganharem naturalidade humana, o humano ganha características animais, emergindo uma noção de transferências de natureza, dando uma noção da agressividade como uma característica animal.

Já na ancoragem afetiva, as mulheres vítimas de violência representaram seus companheiros através de objetivações providas de afetividade, como “o pai dos meus filhos” ou mesmo o “homem que amo”. Percebe-se aí que a violência vivenciada não foi mais forte que o sentimento que sentem pelos companheiros e pela família. Provavelmente são Representações Sociais ancoradas no ideal do amor romântico, são objetivadas pelo dito popular “o amor acima de tudo” nas quais ainda esperam uma mudança do agressor, e assim, restaurar a harmonia familiar. Tais ambiguidades nas representações do agressor,

provavelmente explicam o ciclo da violência, a qual alimenta a reincidência verificada na categoria “Manifestações Comportamentais do Agressor”.

No que tange a terceira classe temática, pode-se observar aspectos biopsicossociais da vida destas mulheres. Foi a classe com maior número de evocações, demonstrando a necessidade de exprimir conteúdos internos permeados aos acontecimentos externos, culminando em diversas representações.

Com referência às manifestações psicoafetivas das mulheres agredidas, observou-se uma gama de sentimentos permeados pela contradição, conforme se verifica a seguir:

sentia raiva / muita magoa/ nojo/ muito ódio/ eu tenho medo dele/ com medo de morrer/ eu me tremia/ sentia dor né./ sofro muito/ Sinto desgosto/ tristeza/ muitas vezes pensei em jogar tudo para o alto/ vou enlouquecer/ é muito difícil viver assim/ como uma coisa que pra mim é uma pedra/ não sentia nada/eu já tava passada/eu não me importava que estava mais dentro de casa/ pra mim tanto faz como tanto fez.

Ao passo que exprimem sentimentos negativos como medo, sofrimento, raiva e decepção, demonstrando intenso sofrimento psíquico, alternam com sentimentos de indiferença e apatia, corroborando os pressupostos de Wilton (2008), apontando que mulheres vítimas de violência de seus companheiros expressam sentimentos inadequados com sofrimentos significativos e baixa auto-estima, gerando situações e comportamento de depressão e baixa qualidade de vida.

No que tange às manifestações comportamentais da mulher, verifica-se principalmente comportamentos de passividade e silêncio, conforme se observa a seguir:

eu não achava saída/ não pensava de fazer nada não/ pensava de deixar e não conseguia/ e ele ia me pegar/ e eu sempre ali, calada/ só que ninguém sabia, ninguém da minha família sabia/ eu não dizia nada com ele/ ninguém da minha família sabia.

Embora estas mulheres demonstrarem sentimentos como raiva e ódio, estes não são expressados em suas ações, quase sempre escondidas atrás do silêncio e passividade. Este “silêncio ou mesmo passividade” encontrado nestes discursos é descrito por Narvaz e Kohler (2006) por “assujeitamento”, pois como afirma a autora, estas mulheres geralmente recorrem a mecanismos de defesa como estratégias de adaptação e de sobrevivência

Esta passividade também é explicada por Narvaz (2005) pelos seguintes fatores: vivências de violência na família de origem; culpabilização das vítimas; o desejo de ter uma família e de manter a família unida; a dependência emocional e econômica dos parceiros abusivos; o medo do companheiro abusivo e a obediência e submissão engendrada pelo poder patriarcal. Todos estes fatores expressam o caráter complexo do processo da violência contra

as mulheres, ancorados em fenômenos individuais e coletivos e apontando representações ancoradas num modelo sócio-cultural permeado pelo patriarcalismo e submissão feminina.

Por outro lado, emergiu também no discurso das mulheres, embora com menor frequência, um comportamento de posicionamento, apontando ações que exprimem o objetivo de por fim ao processo violento e sair do ciclo da violência. Esta mudança, muitas vezes de difícil acesso por todos os fatores explanados, também ocorre pela carência de políticas públicas voltadas as mulheres e demonstrando também o que ressalta Narvaz (2005): a falta de apoio comunitário e social, pois conforme aponta a OMS (2002), embora seja importante reformar os sistemas jurídicos e policiais para tratar o problema da violência contra a mulher, estas medidas são ineficazes se não são acompanhadas de mudanças culturais e nas práticas institucionais.

Ainda na classe temática 3, emergiram as conseqüências da violência contra estas mulheres, nas quais atingem todos os domínios de suas vidas, desde os aspectos físicos: como cicatrizes e ausência de saúde de uma forma geral a aspectos emocionais como perda da auto-estima, tristeza, traumas, conforme verificado a seguir:

Coisa ruim/ coisa que fica assim, trauma/ hoje eu vivo muito nervosa/ as conseqüências foram que perdi minha autoestima/ fiquei com uma tristeza muito grande/ Fiquei com cicatrizes/ fiquei uma pessoa doente/ eu não tenho saúde mais não.

As unidades temáticas acima corroboram estudos de Adeodato et al (2005) que confirmam que a violência doméstica está associada a uma percepção negativa da saúde mental da mulher. Muitas vezes estas mulheres peregrinam nos serviços de saúde na busca de uma cura, principalmente no que tange a dor física, entretanto para suas dores associam também a sofrimentos emocionais (Almeida et al, 2008).

Também foram verificados danos de ordem social, ocorrendo desde uma desestrutura familiar, apontando que a violência atinge não só a mulher como também aos filhos, como suas próprias dificuldades em envolverem-se em novos relacionamentos. Verificamos nas falas a seguir:

meu filho presenciava quando ele batia em mim/ minhas filhas ficaram com esse pouco de trauma também/ meu filho tem medo dele também/ eu não tenho mais família/ ninguém por mim/ eu tenho medo de me envolver com outra pessoa/ e se acontecer a mesma coisa/ prefiro está só/ eu nunca quis mais ninguém.

Estes resultados corroboram os estudos de Adeodato et al (2005), quando confirmam a má qualidade de vida de mulheres vítimas de violência. Esta frase ficou solta dentro do texto.

Com referência as perspectivas que estas mulheres constroem com relação aos seus futuros,

observaram-se representações ancoradas na presença e na ausência de resiliência. Adotando a conceituação de Luther et al (2000), em que define a resiliência como um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade, observou-se que a maioria das mulheres, apesar de todas as contradições encontradas, ainda apresentam certa resiliência, conforme se verificam nas unidades temáticas abaixo:

não quero lembrar o passado, quero viver o presente/ eu quero trabalhar terminar de criar minha filha/ eu vou fazer de tudo pra não passar por isso/ continuar sendo feliz/ mais quando vejo minha família bem unida e feliz hoje/ vejo o quanto sou vitoriosa/ hoje eu me sinto melhor do que antes/ foi uma lição pra mim/ meus planos é cuidar de minhas filhas e trabalhar/ de encontrar outra pessoa que tome conta de mim, de minha filha/ eu espero uma transformação no Senhor/ também me vi necessitada de Deus.

Esta resiliência é encontrada em representações objetivadas pelo desejo de reconstruírem seus caminhos, de obterem uma “vida melhor”, e saírem deste processo mais fortalecidas, muitas delas conseguem esta resiliência através da fé e da religiosidade.

Já algumas mulheres apresentaram representações ancoradas na passividade, objetivadas pela paralização. Este fato é verificado nas falas a seguir:

tenho plano não, o momento é esse/ eu sei lá/ numa idade dessa tenho plano é mais pra nada/ tenho plano de comer um bocado dentro da minha casa mesmo e pronto/ e uma casa pra mim morar só com as minhas filhas/ eu fico presa e se ele não existisse a minha vida era outra/ se ele sumisse ‘prum’ canto que eu nunca soubesse que ele existia/ enquanto e tiver vivo eu tenho medo de ir até a uma missa, ir pra igreja, ir numa festa, ir numa feira.

Observam-se a falta de perspectiva futura e a necessidade de proteção destas mulheres, demonstrando fragilidade diante da violência sofrida. Em contraponto, ao considerar a resiliência como a capacidade do sujeito lidar com a adversidade não sucumbindo a ela, percebe-se que há fatores que favorecem ou dificultam a presença da resiliência. Neste contexto, Pesce et al (2004) ressaltam eventos de vida adversos como fatores de risco à resiliência, e, entre outros, está a violência e a pobreza (condições presentes em todas as mulheres do estudo).

Em outro sentido, e ainda segundo os autores, os fatores de proteção que um indivíduo dispõe internamente ou capta do meio em que vive são elementos cruciais a compreensão do tema. Entre estes, ressalta-se uma boa autoestima, autocontrole, autonomia, características de temperamento afetuoso, fatores familiares e relacionados ao apoio do meio ambiente. Provavelmente estes aspectos expliquem o fato de mulheres em uma mesma condição socioeconômica e vivenciando situações

semelhantes de extrema violência, reajam de forma antagônica no que tange ao posicionamento futuro frente às suas vidas. Tudo isto aponta a necessidade de novas investigações quanto aos fatores de risco e de proteção à resiliência nos contextos de violência doméstica contra mulheres, e mostra o caráter sutil e perigoso da violência, no qual pode roubar a vida e a esperança destas mulheres.

Conclusão

Alcançou-se a intimidade do fenômeno da violência doméstica ao entrevistar 16 mulheres consideradas vítimas de seus companheiros, contemplando os objetivos deste estudo. Verificaram-se suas Representações Sociais da violência, do agressor e as próprias consequências que este fenômeno trouxe em suas vidas. No que tange aos tipos de violência, a maior prevalência foi a física, e as reações comportamentais destas mulheres foi principalmente de silêncio e passividade, apontando a difícil “quebra” deste ciclo. As manifestações psicoafetivas que estas mulheres demonstraram foram ancoradas em sentimentos danosos à sua saúde mental como raiva, medo, sofrimento e decepção e houve uma pequena frequência de sentimentos ancorados na indiferença.

As participantes representaram o agressor numa esfera negativa, objetivando-os como algo que não é humano, “um monstro”, justificando seus comportamentos, que sob a perspectiva das mulheres são agressivos e ameaçadores. Entretanto, elas ainda relataram que seus companheiros têm momentos de arrependimento, porém, acompanhados de novos comportamentos violentos. Estes comportamentos do agressor explicam de certa forma o motivo de tantas mulheres permanecem numa relação violenta, pondo em risco suas próprias vidas. Elas acreditam que os agressores podem mudar e assim, reestruturarem suas famílias. Neste processo cíclico, muitas mulheres perdem suas vidas, demonstrando a gravidade deste fenômeno e a necessidade urgente de intervenções através de políticas públicas de combate e prevenção à violência doméstica contra mulheres.

Percebeu-se ainda de acordo com as participantes, que as motivações para a violência residem no uso de substâncias psicoativas como álcool e/ou drogas, e nas relações de poder demonstrando que a violência contra a mulher ancora-se nas relações de gênero, e, provavelmente, este pode ser o ponto de partida na construção de intervenções eficazes. As consequências da violência sofrida afetam todas as áreas da vida destas mulheres, sejam físicas, afetivas e sociais, culminando na desestrutura familiar atingindo a família como um todo e diminuindo drasticamente a qualidade de vida dos envolvidos neste processo.

No que tange as representações que estas mulheres

elaboram acerca do futuro, observou que apesar de todo drama sofrido, a maioria consegue representar seus futuros de forma positiva, demonstrando resiliência e capacidade de superação. Entretanto, uma parcela sente-se paralisada, não concebendo representações ancoradas na resiliência, mas na passividade e falta de perspectiva. Em suma, verificou-se que o combate à violência doméstica contra a mulher é uma questão urgente, visto que este fenômeno é fator desestruturante de toda a sociedade.

Referências

- Adeodato, V.G.; Carvalho, R.R.; Siqueira, V.R.; Souza, F.G.M. (2005) Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*, vol. 39 n. 01.
- Almeida, A.P.F.; Sousa, E.R.; Fortes, S.; Minayo, M.C. (2008). Dor crônica e violência doméstica: estudo qualitativo com mulheres que frequentam um serviço especializado de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, vol. 8 n. 1: 83-91, jan. / mar.
- Araújo, M.F.; Mattioli, O (orgs.) (2004). *Gênero e Violência*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Minayo, M. C. de S. (1994). A violência social sob a perspectiva da saúde pública'. *Cadernos de Saúde Pública*, nº 10, pp. 7-18. Suplemento 1.
- Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. A. (1995). *Violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo: Robe Editorial.
- Banco Mundial (2006). *Violência Contra a Mulher*. Disponível em: <<http://www.Bancomundial.com>> acesso em: 07 março 2010.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Garbin, C.A.S.; Garbin, A.J.I.; Dossi, A.P.; Dossi, M.O. (2006) Violência Doméstica: análise das lesões em mulheres. *Cad. Saúde Pública*, 22(12):2567-573.
- Luther, S. S.; Cicchetti, D. & Becker, B. (2000). The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71, (3), 543-562.
- Manso, B.P. (2010). Dez mulheres são mortas por dia no País. *Jornal Estado de São Paulo*, 03 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,dez-mulheres-sao-mortas-por-dia-no-pais,575974,0.htm>. Acesso em 04/07/2010 12:10:38
- Melo, M.Z.; Caldas, M.T.; Carvalho, M.M.C.; Lima, A.T (2005). Família, Alcool e Violência em uma Comunidade da Cidade do Recife. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 201-208, mai./ago.
- Minayo, M.C (2005). Laços Perigosos entre Machismo e Violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1):18-34.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Narvaz, M. (2005). *Submissão e resistência: Explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Narvaz, M.G., & Koller, S.H. (2006). Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico*, 37, 7-13.
- Nóbrega, S.M. (2001). Sobre a teoria das representações sociais. Em: Moreira, A. S.P. (org). *Representações Sociais. Teoria e Prática* (pp 55-87). João Pessoa: Editora Universitária
- Okada, M.M. (2007). *Violência Doméstica Contra a Mulher: Estudo com Puérperas Atendidas em uma Maternidade Filantrópica*. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- OMS - Organización Mundial de la Salud (1998). Promoción de la salud: glosario. Ginebra.
- OMS - Organização Mundial de Saúde (2002). *Relatório*

mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

Pesce, R. P.; Assis, S. G.; Santos, N. Oliveira, R. V. C. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-143.

Piaget, J. *O nascimento da inteligência na criança*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Spink, M.J. (1993). O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Caderno de saúde Pública*. Rio de Janeiro, vol.9 n. 3, 300-308.

Wilton, (2008). *Depressão em mulheres vitima de violência doméstica*. Portal rede Psi, disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal>. Acessado em 02 de julho de 2010.

Recebido: 22/10/2010
Última Revisão: 10/06/2011
Aceite Final: 20/06/2011